

Música em hospitais: conceituações sob a perspectiva da educação escolar

Comunicação

Rita de Cássia Silva Cardoso
Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
cassicas@gmail.com

Eudes Oliveira Cunha
Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)
eudesocunha@gmail.com

Resumo: Este artigo tem o objetivo de compreender as concepções de ensino de música que orientam docentes em classes hospitalares no Brasil. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para verificar os aspectos conceituais e metodológicos do ensino de música nessa modalidade educacional. Constatou-se que o ensino de música em hospitais aproxima-se do ensino de música em escolas regulares da educação básica. Embora em seus impactos apresentem aproximações com a musicoterapia, essa abordagem da música distingue-se pelas práticas musicopedagógicas fundamentadas nas concepções de educação escolar. Os estudos evidenciam competências relevantes para a atuação de professores de música nessa modalidade educacional, como a capacidade de adequação das atividades de acordo com o ambiente e o quadro clínico dos alunos (CUNHA; CARMO, 2015) e a ideia de “tato pedagógico” (KOIVISTO; KIVIJÄRVI, 2020), que pressupõe, além de habilidades e conhecimentos da educação escolar convencionais, a sensibilidade pedagógica expressa na reflexão antecipada, ativa e consciente que ocorre antes, durante e depois das aulas de música em hospitais.

Palavras-chave: educação escolar, ensino de música, ambiente hospitalar.

Introdução

A educação escolar em ambiente hospitalar visa a oferta de atendimento educacional especializado para estudantes em condições especiais de saúde. Nesse contexto, o ensino de música torna-se um aliado das práticas pedagógicas com fins de atender ao currículo escolar. Ademais, a área de música integra o componente obrigatório Artes, previsto no regramento da educação básica no Brasil.

Desse modo, a música nessa etapa da educação escolar é parte do processo de formação dos alunos e vai além da aprendizagem de elementos técnicos da área. Um de seus objetivos é propiciar conhecimentos em arte, como forma de atender às necessidades de formação humana e inserção dos estudantes na cultura e na sociedade. Pode-se despertar, por meio da música, conhecimentos que geram, nos alunos, compreensões acerca da sua realidade, costumes, histórias de vida e, principalmente, sobre o seu papel no exercício da cidadania. Conhecer manifestações culturais relacionadas às tradições musicais, por exemplo, singularizam a atividade artística com alunos que têm enfermidades em condições hospitalares de intensos procedimentos médicos, como são os casos daqueles presentes nas classes hospitalares.

Em experiências de educação musical em ambiente hospitalar (CUNHA; CARMO; 2010; 2015; CARDOSO; CUNHA, 2018), verifica-se a atuação de professores de música que buscam garantir aos alunos hospitalizados a continuidade dos estudos e a aprendizagem dos conteúdos do currículo da escola regular. Assim como acontece o ensino de música em escolas comuns, em que é possível trabalhar o desenvolvimento intelectual da criança, nas dimensões afetiva e social (RODRIGUES, 2012), nessa modalidade educacional, o ensino de música é concebido com suas peculiaridades, que se manifestam nas formas de elaborar as aulas, nas metodologias de ensino e na adequação dos conteúdos do currículo, dentre outros.

Portanto, neste artigo tem-se o objetivo compreender as concepções de ensino de música em contextos hospitalares a partir de um levantamento teórico. As discussões sobre essa temática emergem da experiência dos autores deste trabalho, professores de música que atuam nessa modalidade educacional. A seguir, apresentam-se aspectos conceituais acerca do ensino de música em classes hospitalares e, na sequência, discorre-se sobre alguns estudos que abordam esse tema. Nas considerações finais são apresentadas reflexões sobre a atuação de professores de música em classes hospitalares.

Música na educação escolar em hospitais: conceituação

As concepções sobre as práticas pedagógicas em ambiente hospitalar configuram-se em diferentes abordagens, ora inspiradas nas políticas de humanização, caracterizadas por uma pedagogia própria do ambiente hospitalar, ora como forma de garantir o direito à educação, prevista na legislação educacional brasileira, tendo como enfoque o cumprimento do currículo escolar.

Sobre esta última perspectiva, Fonseca (2008) salienta que a peculiaridade da educação hospitalar é assegurar a manutenção dos vínculos escolares, de devolver à criança a sua escola de origem sem maiores prejuízos pelo afastamento temporário. Para a autora, a prática diária no ambiente hospitalar tem evidenciado que esta modalidade é um importante instrumento contra a exclusão escolar da criança doente, que pode ocorrer por diversos motivos, podendo ser eles físicos, mentais ou pelo afastamento da escola regular por causa das frequentes internações, além de melhoras no quadro clínico

É sob essa perspectiva que experiências de ensino de música vinculadas à programas de classes hospitalares são implementadas no Brasil, como é o exemplo da rede municipal de ensino de Salvador. A inserção da música no currículo escolar nessa modalidade educacional ocorre, especialmente, com professores vinculados ao quadro efetivo e com formação específica.

Nesse sentido, de acordo com as educadoras Hentschke e Del Ben (2003, p. 181, 2010), as funções da música no contexto escolar são de proporcionar às crianças, adolescentes e jovens a “apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania”. Dessa maneira, as autoras salientam ainda que o “objetivo primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes” (HENTSCHKE; DEL BEM, 2003, p. 181).

Por conseguinte, o trabalho com música favorece a construção de identidades dos alunos, os processos de interação social e o desenvolvimento de habilidades próprios do fazer musical. Em contextos hospitalares, assim como em escolas regulares, é fundamental que se tenha profissionais uni docentes, com formação em suas áreas de atuação - artes

e/ou música -, para que os processos de ensino e aprendizagem sejam mais o completo possível.

Propõe-se que o currículo seja composto por saberes musicais diversos, que envolvem os aspectos mais técnicos da música até mesmo a multiplicidade de grupos culturais, seus diferentes gêneros e estilos musicais, os quais podem estar presentes em sala de aula. Assim, o professor de música “fortalecerá os traços culturais já existentes e também poderá fazer com que entendam e respeitem os gostos e a cultura de outras pessoas” (SOUZA; JOLY, 2010, p. 101).

Ao considerar que os alunos de classes hospitalares são oriundos de localidades diversas (CARDOSO; CUNHA, 2018), o professor de música deverá preparar suas aulas levando em conta os contextos nos quais os alunos são provenientes, seus costumes, sua história ancestral e seus gostos musicais, potencializando-os, e, progressivamente, apresentando outras culturas, que ampliem, assim, sua visão cultural e musical diante do mundo.

Diante disso, o professor de música que atua em classes hospitalares tem o desafio de desenvolver uma prática que proporcione processos de ensino e aprendizagem adequados às condições de saúde e a dinâmica do próprio ambiente hospitalar. Obviamente, é uma proposta de ensino de música que se distingue em alguns aspectos de modelos pedagógicos desenvolvidos em escolas regulares ou escolas especializadas em música. Sobre os aspectos que diferenciam esta prática de outros contextos, pode-se citar as formas de planejamento das aulas de música - que devem considerar a necessidade de um currículo flexível para atender as demandas do aluno hospitalizado -, bem como os fatores emocionais, físicos e socioculturais que caracterizam o público atendido.

Em sua pesquisa, Carmo (2013) afirma que

o ensino de música no contexto hospitalar segue outra lógica. Muitas vezes, para o aluno que sofre com as adversidades de uma doença, aprender um instrumento pode significar um sucesso diante do insucesso da doença, uma superação a despeito das limitações físicas, uma situação que proporciona felicidade em contraposição à tristeza que o acomete e incomoda (CARMO, 2013, p. 133).

Assim, em leitos coletivos, a troca costuma ser produtiva, pois o diálogo entre eles

proporciona criação de espaços de diversidade cultural fundamental para a condução dos processos de ensino e a garantia de um currículo escolar amplo. As possibilidades de contação de histórias relacionadas à música e a proposição de repertório por parte dos alunos contribuem para a transformação do ambiente hospitalar, normalmente frio e marcado por situações que envolvem medo e dor, que pode ser preenchido com memórias das manifestações culturais, sonoridades de músicas tradicionais da cultura oral e brincadeiras populares, por exemplo.

Dessa forma, a educação musical em classes hospitalares constitui-se em um campo do ensino e aprendizado em música voltado à alunos que se encontram impedidos de frequentar a escola regular e apresentam variadas demandas de aprendizagem em razão dos seus percursos de vida. Portanto, possui metodologias peculiares que têm o propósito de contribuir para a formação escolar e cidadã dos discentes.

Reflexões na literatura

Ao considerar que a produção acadêmica contribui para a consolidação de uma área específica do conhecimento e pode favorecer o aprimoramento das práticas profissionais, verificou-se as produções acadêmicas mais relevantes sobre educação musical em contexto hospitalar nos últimos anos, no intuito de ampliar a compreensão sobre esse campo de atuação.

Miranda (2018), por exemplo, em sua pesquisa em uma enfermaria onco-hematológica hospitalar infantil, afirma que as produções acadêmicas na área da Educação Musical em ambiente hospitalar fazem parte de uma história recente e que necessita ser melhor elaborada tanto em conteúdo quanto em materiais de formação. O autor chama atenção para a necessidade de um maior apoio pedagógico, afirmando que o fazer musical em uma unidade de saúde deveria estar amparado por diversas visões pedagógicas, para dar conta de abrigar as inúmeras possibilidades de vivenciar a música em diferentes níveis e naturezas. (MIRANDA, 2018, p. 255).

Em alguns casos, quando se referem a música em ambiente de saúde, autores (CALDEIRA; FONTEERRADA, 2005; 2006; CALDEIRA, 2007^a; 2007^b; JOLY, ALLIPRANDINI; ASNIS,

2008) discorrem sobre as contribuições da música no processo de humanização hospitalar. Estas produções propõem que a educação em hospitais favorece os processos de desenvolvimento integral de pacientes, seu bem-estar, assim como o enfrentamento do internamento.

Outras produções (CUNHA; CARMO, 2010; CARMO, 2010; CARDOSO; CUNHA, 2018) focalizam a música como componente curricular da educação básica que deve estar presente na educação escolar hospitalar. Defendem o ensino de música como parte de um projeto de ensino que visa assegurar a continuidade dos estudos dos alunos impossibilitados de frequentar a escola por razões de adoecimento, definida na atual política educacional do Estado brasileiro.

Com relação aos textos que sinalizaram a perspectiva de classe hospitalar, conforme orientação da atual política educacional, pode-se afirmar que esta vertente não exclui a possibilidade de contribuir com o bem-estar de alunos pacientes, tendo em vista o enfrentamento das condições de internação, dentre outras. Esta concepção distingue-se pela justificação de suas práticas em determinações legais.

Barbosa Filho, Silva e Gattino (2016) refletem sobre a práxis do musicoterapeuta e do educador musical no contexto hospitalar, mostrando suas diferenças e semelhanças, a partir de uma análise de objetivos, processos, relações e participantes envolvidos, além de recursos, técnicas, métodos e população atendida. Afirmam que o uso destas ferramentas se diferencia a partir dos objetivos, da relação, do processo, da formação e do modo de aplicar estas práticas para as mesmas populações. No entanto, ao mesmo tempo, existem semelhanças que aproximam estas duas práticas. Vale salientar que “[...] os diálogos entre a musicoterapia e educação musical são essenciais, pois cada prática tem conhecimentos específicos que podem ajudar na aplicação da outra” (BARBOSA FILHO; SILVA; GATTINO, 2016 p.83).

Nessa direção, Cunha e Carmo (2015) discutem as representações sociais da Educação Musical em classes hospitalares da rede Municipal de ensino de Salvador, verificando qual a percepção dos profissionais da área de saúde sobre a prática do professor de música em ambiente hospitalar. Os autores concluem que

[...] os profissionais associam a educação musical ora a atividade educativa

ora a atividade terapêutica. Todavia, ao considerar o conjunto das respostas, verifica-se que prevalece uma visão de ensino de música como sendo uma atividade terapêutica, que proporciona bem estar, relaxamento, alegria e diminuição da ansiedade. (CUNHA; CARMO, 2015, p. 110).

Embora as atividades musicais em hospitais - educação musical e musicoterapia – tenham objetivos e metodologias distintas, em suas finalidades e impactos guardam certas aproximações. As experiências musicais de formação humana e cuidados com a saúde se integram em muitos processos e práticas, o que significa que a proximidade destas áreas tem a contribuir para os alunos ou pacientes.

Koivisto e Kivijärvi (2020), por sua vez, refletem sobre a compreensão teórica e prática do “tato pedagógico”¹ dos educadores de música através de uma lente teórica dentro de um hospital infantil na Finlândia. Segundo as autoras, um educador musical nesses ambientes precisa de habilidades e conhecimentos pedagógicos convencionais, mas precisam desenvolver, também, sensibilidade pedagógica para aprofundar suas ideias de uma maneira mais holística e incorporada. É necessária uma reflexão mais explícita e consciente de suas práticas, a fim de aprimorá-las em seu campo de atuação.

Levando em conta que o ambiente de saúde ainda é considerado bastante novo para muitos educadores, Koivisto e Kivijärvi (2020) defendem que a reflexão antecipada, ativa e consciente que ocorre antes, durante e depois das aulas de música nas enfermarias pediátricas fornece ao educador musical um caminho para aprofundar e transformar suas ideais pedagógicas nesse contexto. Na prática, quer dizer que o educador musical deve pensar em toda a ala como espaço pedagógico, bem como entender que todos os relacionamentos naquele ambiente têm importância antes, durante e depois do horário real: cantando, tocando, improvisando ou ouvindo música juntos (KOIVISTO; KIVIJÄRVI, 2020 p.39). As autoras ainda reiteram a importância do olhar sensível do Educador Musical dentro do contexto hospitalar, através do tato pedagógico, para melhor aplicabilidade das suas práticas. Isto posto, Koivisto e Kivijärvi (2020) descrevem:

A realização do reconhecimento pedagógico começa no momento real em que o educador musical entra na enfermaria do hospital, e o ambiente da enfermaria como espaço pedagógico requer grande atenção e sensibilidade

¹ Tato pedagógico é como se denomina a junção de três capacidades: ser comunicativo, saber ouvir e relacionar-se com o outro.

do educador musical. Por meio da sensibilidade e interação multimodal, o educador musical é capaz de reconhecer as necessidades das crianças, de suas famílias e do hospital em situações de produção musical e, em seguida, selecionar os temas e atividades musicais apropriados no momento. A excitação emocional do educador musical é uma parte natural do tato pedagógico, além de manter uma atitude profissional ao encontrar problemas éticos ou o medo das pessoas de sofrerem dor ou morte. Isso exige um foco e reflexão sobre os elementos que podem ajudar a encontrar significado e direção para as práticas musicais, que, nesses casos, podem incluir toda uma gama de desafios e encargos emocionais vivenciados pelos pacientes de acordo com suas realidades (KOIVISTO; KIVIJÄRVI, 2020, p. 39).

Nesse sentido é possível perceber que, para uma melhor eficácia e compreensão dos objetivos da Educação Musical Hospitalar, o professor precisa agregar à sua matriz de competências conhecimentos diversos, principalmente aqueles que emergem de campos interdisciplinares. Espera-se desse docente, uma aproximação dos alunos de forma afetiva, para romper com as barreiras culturais e vencer os diversos desafios encontrados nos ambientes hospitalares.

Uma das mais importantes atribuições que fazem parte do cotidiano de um professor de classe hospitalar diz respeito aos processos higienização e a determinados cuidados com os alunos em situações diversas de adoecimento. Dentre os aspectos considerados relevantes para a atuação docente, pode-se destacar: (a) a higienização das mãos e de recursos didáticos, que deve ser feita a cada troca de leito para evitar qualquer tipo de contaminação; (b) deve optar por instrumentos de fácil higienização; (d) que priorize instrumentos de percussão pequenos e leves, de preferência que caibam no bolso do jaleco ou mesmo violão, *ukulele* ou escaleta para que facilite na mobilidade do docente nos espaços hospitalares.

Por conseguinte, o estudo sobre novos caminhos metodológicos no ensino de música nessa modalidade educacional pode representar possibilidades de ampliação dos conhecimentos nessa área. É importante salientar que a utilização das tradições artístico-culturais em toda a sua diversidade, pelos professores de música, pode indicar caminhos para às práticas musicopedagógicas na educação escolar em hospitais.

Considerações Finais

O levantamento de algumas produções sobre o ensino de música em classes hospitalares mostrou que há um campo de atuação do professor de música passível de estudos e pesquisas para que subsidiem as práticas musicopedagógicas. O ensino de música em contextos hospitalares tem sido abordado, ora com ênfase nos modelos convencionais de currículo da escola adaptado para esse contexto, ora como práticas que favorecem o bem-estar de alunos que se encontram hospitalizados.

A abordagem do ensino de música distingue-se pelas práticas de educação musical que são fundamentadas em concepções de educação escolar. Nesse sentido, a maioria dos trabalhos identificados enfatiza a perspectiva da música no ambiente hospitalar como atividade educativa, afastando-se de perspectivas que compreendem esta área como propiciadora restrita de entretenimento e lazer. Além disso, destaca-se que os textos analisados não mencionavam a música com finalidade terapêutica, apesar de admitirem que a prática musical favorece a qualidade de vida, o bem-estar e o desenvolvimento integral dos alunos.

Algumas competências relevantes para atuação de professores de música nesse ambiente foram elencadas pelos autores, com destaque para a capacidade de adequação das atividades de acordo com o ambiente e o quadro clínico dos alunos. Além disso, em outras abordagens discute-se a importância do professor adquirir a sensibilidade pedagógica expressa na reflexão antecipada, ativa e consciente que ocorre antes, durante e depois das aulas de música em hospitais.

Vale enfatizar que ainda são incipientes os conhecimentos acerca da atuação do professor de música nessa modalidade educacional e este campo configura-se como um desafio, sobretudo, na proposição de metodologias de ensino, nas formas de avaliação, na compreensão da dinâmica do espaço hospitalar e no entendimento do quadro clínico dos alunos. Portanto, esta subárea da educação musical necessita de maiores debates para subsidiar professores de música interessados em atuar nesse campo.

Referências

BARBOSA FILHO, A. M. B; SILVA, L. C; GATTINO, L. S. Musicoterapia e educação musical no contexto hospitalar: aproximações e distanciamentos. *InCantare*, v. 7. n. 1, p. 74-85, jan./jun. 2016.

CALDEIRA, Z. A.; FONTEERRADA, M. T. O. O papel mediador da educação musical no contexto hospitalar: uma abordagem sócio-histórica. 2005. Disponível em: http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao22/zoicacaldeira_marisafonterrada.pdf. Acesso em: 31 jul. 2012.

CALDEIRA, Z. A.; FONTEERRADA, M. T. O. A educação musical e o estudo do processo de interação criança/música no contexto hospitalar. 2006. Disponível em: http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/POSTERES/12_P os_Musterap/12POS_Musterap_01-229.pdf. Acesso em: 31 jul. 2012.

CALDEIRA, Z. A. Pesquisa qualitativa em educação musical na pediatria: contribuições da perspectiva sócio-histórica. 2007. Disponível em: http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical/edmu s_ZACaldeira.pdf. Acesso em: 31 jul. 2012.

CALDEIRA, Z. A. O papel mediador da educação musical no contexto hospitalar: uma abordagem histórica. Dissertação de mestrado. São Paulo: UNESP, 2007.

CARDOSO, R. C. S.; CUNHA, E. O. Práticas de apreciação musical nas classes hospitalares e domiciliares da Rede Municipal de Ensino de Salvador-Bahia. In: XIV ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 2018, Salvador-BA. Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamento, 2018. Disponível em : <http://www.abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/nd2018/regnd/paper/view/2981> Acesso em 20 de abril de 2019

CARMO, R. S. do. Práticas musicais em classe hospitalar: um estudo na rede municipal de Salvador. 149 f. il. 2013. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 2013.

CEDRAZ, C. L. C; CUNHA, E. O. Educação Escolar para crianças e Adolescentes em tratamento do Câncer. *Revista Cenas Educacionais*, Caetité – Bahia - Brasil, v. 2, n. 2, p. 175-185, jul./dez. 2019.

CUNHA, Eudes; CARMO, Rosângela. Educação musical em ambiente hospitalar: uma experiência no município de Salvador. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, IX., 2010, Natal-RN. Políticas Públicas em Educação Musical: dimensões culturais, educacionais e formativas, 2010. v. 1. p. 01-07.

CUNHA, Eudes; CARMO, Rosângela. Educação musical em classes hospitalares: análise das representações sociais de profissionais dos hospitais. *Educação e Políticas em Debate.*, 4, n.1. Jan./jul. 2015, p. 101, 2015.

CARMO, R. S. Escola hospitalar: relato de um caso em educação musical. 2010. Disponível em:
<http://www.musica.ufrn.br/revistas/index.php/abemnordeste2010/article/viewFile/46/72>. Acesso em: 31 jul. 2012.

CUNHA, E. O.; CARMO, R. S. Educação musical em ambiente hospitalar: uma experiência no município de Salvador. 2010. Disponível em:
<http://www.musica.ufrn.br/revistas/index.php/abemnordeste2010/article/viewFile/39/68>. Acesso em: 31 jul. 2012.

FONSECA, E. S. *Atendimento escolar no ambiente hospitalar*. São Paulo: Memnon, 2008.

FONTES, R.S. As possibilidades da actividade pedagógica como tratamento sócio-afectivo da criança hospitalizada. In: *Rev. Port. de Educação* [online]. 2006, vol.19, n.1, pp. 95-128. ISSN 0871-9187.

HENTSCHKE, L.; DEL-BEN, L. Aula de Música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: HENTSCHKE, L.; DEL-BEN (Orgs.). *Ensino de música: propostas para agir e pensar*. São Paulo: Moderna, 2003, p. 176 -189.

JOLY, I. Z. L.; ALLIPRANDINI, S.; ASNIS, V. P. Práticas pedagógicas e musicais na comunidade: uma experiência em um hospital. 2008. Disponível em:
<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2008/059%20Ilza%20Zenker%20Le me%20Joly%20et%20alli.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2012.

KOIVISTO, Taru-Anneli; KIVIJÄRVI, Sanna L. O. Bonde & K. Johansson (Eds.) *Music in paediatric hospitals – Nordic perspectives*, pp. 27-46. Oslo: Norwegian Academy of Music. Disponível em : <https://nmh.brage.unit.no/nmh-xmlui/handle/11250/2651482> Acesso em: 28 jun. 2020.

MIRANDA, P. C. C. Música e ambiente hospitalar infantil: a educação musical pelo olhar do “musicar”. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 5, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: Unirio, maio 2018. Disponível em:
<<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/7725/0>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

RODRIGUES, J. M. C. *Classes hospitalares: o espaço pedagógico nas unidades de saúde*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SOUZA, C. E.; JOLY, M. C. L. A importância da Educação musical na Educação infantil. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 4, v. 4, n. 7, p. 96 -110 , jan./jun. 2010. Disponível

em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/180/106>>.
Acesso em: 05 jul. 2019